

Sessão de lançamento de obra de homenagem

(UCP, Edifício 1, Auditório Padre José Bacelar e Oliveira)

(6/11/23 – 18h e 30m)

Magno Chanceler, D. Rui Valério, que conheci pessoalmente na Missa do Espírito Santo, este ano, e revejo *em tocante gesto de recolha de memória*, Magnífica Reitora, Professora Isabel Capelôa Gil, que aqui me representa os demais membros da Comissão de Honra da obra em lançamento. *É estremeço de os nomear*: o Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, o Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação, D. José Tolentino de Mendonça, o Magno Chanceler cessante, D. Manuel Clemente

Ilustre Provedora de Justiça, Professora Maria Lúcia Amaral... *envaidece-me a sua presença*. Ao mesmo tempo, faz-me recuar mais de quarenta anos, quando, em Lisboa, a Católica se circunscrevia ao edifício onde nos encontramos e nos cruzávamos nos corredores com a figura imponente do Padre Bacelar, nosso primeiro Reitor, os Professores Inocêncio Galvão Teles, Antunes Varela, Cavaleiro de Ferreira, Carlos da Mota Pinto, Hermes dos Santos, Ernâni Lopes, Jorge Borges de Macedo, Joaquim Carreira das Neves, o futuro Reitor Padre Isidro Alves...., a D. Manuela Sobreira que sabia de cor o nome dos alunos de todos os cursos, a decidida Dra. Margarida Abreu, ainda o Senhor Orgel, guarda do edifício...um tempo em que este auditório acolheu, com Mário Soares, o poeta e intelectual Leopold Senghor, Presidente do Senegal, que falou e recitou em francês... *quanta saudade!*

Senhor Diretor da Faculdade de Direito, Professor José Moutinho, *nosso anfitrião, que bom tê-lo aqui comigo!*

Uma saudação ainda, muito especial e sentida, ao coordenador da obra, *mestre dos detalhes, artista da palavra, amigo de todas as horas*, Professor Mário Aroso de Almeida, que nos segue via zoom e me representa os demais coordenadores – e são tantos! –, os Professores Pedro Machete, Filipa Urbano Calvão, Marta Portocarrero, Raquel Carvalho, Luís Fábrica, Jorge Pereira da Silva, António Cortês, Maria de Oliveira Martins, Armando Rocha e sei que mais colegas gostariam de integrar o grupo... Mário Aroso... *que bela e gostosa surpresa me fez!*
Que bela e gostosa surpresa todos me fizeram!

Meus Amigos! Porque estou entre amigos!

Sei, de ciência certa, que as palavras escritas nesta obra – não as li, mas conheço os Autores –, são prova de competência, rigor, liberdade científica. Sei também, de ciência certa, serem palavras que prestam homenagem à instituição universitária, em particular à Universidade Católica Portuguesa, berço da obra. E sei ainda, de ciência certa, que tais palavras expressam dádiva, construída na amizade. São, pois, palavras de sabedoria e generosidade, que elevam a Universidade.

Às palavras escritas juntaram-se palavras ditas, que crescem às do retrato desenhado na introdução e também pelos membros da Comissão de Honra. Tocaram-me fundo, ademais recebidas no dia do meu aniversário – o dia (e é só um) que anualmente volta (*annus* mais *versus*, de *vertere*, voltar) – que tem o simbolismo de coincidir com os meus 70 anos, idade que a lei reconhece ser a do termo da vivência universitária regular.

Recebo todas as palavras – escritas e ditas – com humildade – lembrando que a palavra humildade vem de *humus* que significa terra, o chão por onde caminhamos. E é a ideia de caminho que me ocorre neste momento, caminho que juntos construímos, companheiros na curiosidade e no gosto de conhecer, almas de bandeirante, ora fantasiosas ora desanimadas, ora arriscando ora socorrendo, ora caindo ora levantando, mas sempre procurando a melhor forma de realizar a justiça.

Sim, porque é a vontade de «descobrir» o que é a justiça, de retirar o que a cobre e impede de se realizar, que nos une e acompanha no permanente «a fazer» que caracteriza a Universidade.

A busca de entender a justiça, personificada na deusa de olhos vendados ou com a espada na mão segurando uma balança de fiel ao centro e pratos ao mesmo nível, levou-me a «esgaravatar» a ideia de igualdade.

A busca de sentido da justiça administrativa em Portugal obrigou-me a mergulhar na história longa e compreendi a força das correntes de pensamento político e jurídico, quais placas tectónicas aguardando deslizamentos geradores de fenómenos de superfície, como aconteceu em 1640 e 1974, ou com as impugnações de atos administrativos no Conselho de Estado, criado como Supremo Tribunal Administrativo... ou ainda encontrar sobrevivências de realidades longínquas na ação do Ministério Público nos tribunais administrativos ou no regime jurídico da revogação de atos administrativos ilegais.

Ciência de compreensão, a História fez-me perceber a realidade cultural do Direito, nas dimensões formal e material, também na vivência espaço-temporal. Vale por dizer, fez-me entender o presente do Direito, através do passado e das suas latências – atente-se na expressão impugnação *graciosa*, ainda hoje usada –, o que, ampliando a objetividade da análise, criou a distância necessária à compreensão da normatividade jurídica exigida pelo futuro, que os jus-publicistas têm de antecipar e interpretar.

A transição para a investigação e reflexão em áreas jurídicas novas – *Direito do Urbanismo, Direito do Ambiente, Direito das Políticas Públicas...*, que apelam à transversalidade dos saberes científicos e ao pensamento prospetivo, foi, por isso, natural. Como natural foi dedicar-me a disciplinas de formação do pensamento humanista, aberto, especulativo, rigoroso, como *Introdução ao Estudo do Direito Público* ou de formação para valores, como *Direito e Voluntariado*, disciplina custosamente aprovada há perto de 15 anos, e hoje na vanguarda europeia, exemplo de *service learning*.

Mais recentemente, a *Plataforma de Apoio à Investigação em Direito na Católica*, criada por docentes, ex-docentes e *alumni* da Católica, suportou financeiramente dois projetos de investigação pioneiros, nos quais me envolvi, o *Blue Planet Law* e o *Artificial Intelligence and Law*, publicados na reputada Editora Springer, o primeiro dos quais com 5.000 visualizações nos primeiros oito dias.

Em suma, depois de «tocar» o passado através da investigação histórica, arrisquei «tocar» o futuro, investigando diferentes áreas científicas decisivas para o Direito, sempre em busca da melhor realização da justiça exigida pela dignidade humana. Neste percurso, vergo-me perante a memória de Afonso Rodrigues Queiró, Diogo Freitas do Amaral, D. José da Cruz Policarpo, Adriano Moreira, e lembro António Castanheira Neves, José Joaquim Gomes Canotilho, Pierre Moor, José Carlos Vieira de Andrade. Cada um a seu modo inspirou-me, alargou-me horizontes, formou-me para a confiança, ensinou-me a cultivar a ecologia dos saberes. Muitos colegas e amigos, de diferentes universidades e geografias, se lhes vieram juntar, partilhando generosamente saber, criatividade, ânimo.

Depois do doutoramento, solicitei, na Universidade Católica Portuguesa, a regência das disciplinas de Justiça Administrativa e Direito Administrativo. Aceitei as razões invocadas para não me serem atribuídas. Tal como mais tarde, aceitei os cargos de Vice-Reitora, Diretora da Faculdade de Direito, Reitora da Universidade, em virtude das razões que me invocaram.

Gostaria de ter contribuído para a criação da disciplina de *Direito das Políticas Públicas*, mas as funções de responsabilidade institucional que exercia impediram-me.

Ao longo da vida, vários dirigentes de partidos políticos convidaram-me para os integrar. A todos disse não. Enquanto, em liberdade, formava alunos para a busca da justiça entendi não dever ter rótulos. E não resisto a contar-vos que, em conversa, antigos alunos me disseram um dia que discutiam, no final das aulas, sobre qual seria o meu partido..., o que – não escondo – me fez sorrir.

Publiquei pouco por pudor, sempre a interrogar-me se valeria a pena. E, do pouco que escrevi não constam manuais, embora tenha aulas escritas à mão, ano após ano diferentes, de todas as disciplinas que regi. Nada me parecia suficientemente bom para disponibilizar a alunos universitários. Não me arrependo. Sinto que os respeitei. As muitas palavras publicadas, se meditadas de forma dialogada com os docentes, são suficientes para que os alunos adquiram, cada um por si, confiança na construção autónoma de pensamento. E o retorno que me chega do percurso profissional que escolheram não só me enche de orgulho como me tranquiliza.

Gostei muito de acompanhar os caminhos académicos de ex-alunos, hoje colegas. Tudo fiz para não interferir nas respetivas escolhas, exigindo embora rigor, seriedade, profundidade de análise, e inculcando ânimo e vontade de arriscar. E vibrei – vibro muito – com os seus êxitos. Não os nomeio. Eles sabem que estas palavras lhes são dirigidas.

A obra que me dedicam evoca 40 anos de investigação científica e ensino universitário dedicados à justiça com rosto humano, procurando compreendê-la e realizá-la, arriscando caminhos de futuro, também no exercício de funções institucionais. Quarenta anos vertidos em palavras escritas em página e meia... As que a obra em lançamento contém excedem, por isso, em muito o que pretendem homenagear. E, ao transbordarem, e em abundância, deixam a Universidade mais rica, o conhecimento mais sólido, o Direito mais robusto, a sociedade mais justa, o que, não tendo sido eu capaz de fazer, por vosso intermédio esta obra conseguiu. Em consequência, a minha gratidão não é menor do que a admiração pelo que todos e cada um de vós fez.

Quanto às palavras ditas pelo Magno Chanceler, D. Rui Valério, guardo-as em lugar seguro, bem como as palavras ditas por – *peço desculpa, mas vou quebrar o protocolo* – pelo Zé Moutinho, pela Isabel Gil, pela Lúcia Amaral, excessivas na generosidade que só a amizade consente... A umas e outras respondo com a minha vida, nua e crua, que inclui as injustiças cometidas, de que me penitencio. E peço de empréstimo as palavras de «*O Velho e o Mar*», obra com a minha idade e cuja mensagem exitosa permitiu a Hemingway ganhar, em 1953, o *Prémio Pulitzer* e, em 1954, o *Nobel*. «*O Velho e o Mar*» não é a história de uma pescaria, antes uma reflexão sobre a condição humana. Na luta entre o homem e a natureza, testada ao limite da resiliência, lado a lado, sobrevivência e recomeço convivem, e transmitem às novas gerações confiança para diariamente recomeçar o combate contra as adversidades da vida.

A todos os que se esmeraram na composição desta cerimónia e me dedicaram a obra em lançamento, afirmo que estão a homenagear a Universidade, formando para a confiança, inspirando o futuro, alargando horizontes, cultivando a ecologia dos saberes... A todos a minha admiração, a minha gratidão, a minha amizade!

Termino apoiando-me no sentido das palavras de Ortega y Gasset: «*Eu sou eu e a minha circunstância. e se não a salvo não me salvo a mim*». Sempre me senti desejada na família onde nasci e na que me acolheu quando casei. Fui abençoada por vasta rede de amigos. Nas instituições onde trabalhei, senti espírito de família, particularmente na Católica, e procurei sempre corresponder ao que de mim desejavam. Nada sou perante a minha circunstância. Compreendem que a defenda com todas as forças!

Lisboa, 6 de novembro de 2023

Maria da Glória Ferreira Pinto Dias Garcia